

Olhares sobre as mulheres amazônicas segundo Elizabeth Agassiz em viagem ao Brasil (1865-1866)



Priscila Lima¹
Artemis de Araújo Soares²

Resumo

Elizabeth Agassiz, mulher, naturalista cronista da Expedição Thayer (1865-66) que viajou pelo Brasil Imperial, do Rio de Janeiro ao Amazonas, com o objetivo de realizar um levantamento biogeográfico. No entanto, Elizabeth foi responsável por uma das primeiras crônicas sociais sobre a Amazônia em que a mulher possui cores e forma.

Palavras-chave: Mulheres amazônicas, Expedições no Brasil Império, Estrutura Sociocultural.

Abstract

Elizabeth Agassiz, woman, chronicler of the Thayer Expedition (1865-66), who traveled through Imperial Brazil, from Rio de Janeiro to Amazonas, in order to carry out a biogeographical survey. However, Elizabeth was responsible for one of the first social chronicles on the Amazon in which the woman possesses color and form.

Keywords: Amazonian women, Expeditions in Brazil Empire, Socio-cultural Structure.

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-IFCHS-UFAM). Analista Legislativa da Assembleia Legislativa do Amazonas. Assessora Pedagógica da DDZ-VI-SEMED-Manaus. E-mail: priscilla.limas@gmail.com

² Doutora em Ciências do Desporto (Universidade do Porto - PT); Docente no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-IFCHS-UFAM). E-mail: artemisoares@yahoo.com.br

O caminho da ideia...

A partir da leitura do capítulo *Um olhar feminino sobre a terra e a gente do Brasil* do Renan Freitas Pinto, em seu livro *Viagem das Ideias*, publicado pela Valer, esboçou-se uma reflexão acerca do trabalho e do olhar de Elizabeth Agassiz sobre a Amazônia, em sua viagem pelo Brasil (Sudeste - Rio de Janeiro, Nordeste e Amazônia), denominada Expedição Thayer – 1865-66. A presença de Elizabeth já se constituía como uma inovação, pois em nenhuma das expedições pensadas e financiadas por Dom Pedro havia a presença de mulheres como companhia, e nesse caso específico, Elizabeth fazia parte do corpo da expedição como cronista e relatora da viagem.

Naturalista e defensora da educação feminina organizou a primeira escola feminina, em sua casa em Cambridge, a qual funcionou no período de 1855 a 1863. Foi Elizabeth Agassiz que em 1879, ajudou a fundar "Harvard anexo" em Cambridge e foi nomeada presidente da então Sociedade para a Instrução da Colegiada de Mulheres, após sua incorporação oficial à Universidade de Havard.

Contudo seu olhar e sua percepção foi profundamente modificada ao longo da Expedição Tahyer, a qual iniciou-se no ano de 1865, com uma Elizabeth Agassiz fortemente marcada por seu preconceito e fundamentos morais construídos em uma sociedade sexista, patriarcal e protestante e, encerrou-se no ano seguinte (1866) já com uma outra Elizabeth Agassiz, esta olhando a sociedade sob uma nova perspectiva, mais feminista, perscrutora de uma sociedade capaz de equacionar as diferenças e os direitos entre os gêneros e as classes sociais.

Essa mudança foi percebida no relato da expedição construído por Elizabeth Agassiz e publicada como o livro *Viagem ao Brasil*, de uma cronista ocupada com as belezas naturais e a comprovação das teorias antievolucionista, passou a uma cronista com olhares sobre a organização



social no Brasil e as diferentes funções que a mulher exercia, bem como os diferentes níveis de liberdade que estas possuíam ao longo dos diferentes espaços percorridos pela expedição capitaneada por seu marido Louis Agassiz.

Elizabeth Agassiz por Renan Freitas Pinto

No capítulo *Um olhar feminino sobre a terra e a gente do Brasil* de Renan Freitas Pinto, ele apresenta o trabalho de Elizabeth Agassiz enquanto naturalista e seu olhar feminino sobre a condição da mulher em um Brasil Imperial colonizado por europeus e habitado por uma mescla cultural que forjou características próprias aos sujeitos e em especial às mulheres na Amazônia e no Brasil Império.

Os relatos da cronista Agassiz abandonou a descrição naturalista e pitoresca e ocupou-se da análise da situação social dos sujeitos ocupantes do espaço e em específico da mulher nos diferentes ambientes, e o livre trânsito delas no espaço social brasileiro, seja no Sudeste, no nordeste ou no norte brasileiro, que foi o caminho da expedição, transpareceu os valores de estruturas sociais, que foram construídos em uma situação colonial, escravista e patriarcal.

O contraponto foi feito no norte, na Amazônia, onde Elizabeth pôde comparar a diferença entre a vida cotidiana das mulheres das grandes e pequenas cidades brasileiras, e vida nas pequenas cidades e vila do Amazonas, marcado por um cotidiano de práticas étnicas específicas, onde as divisões de gênero diferiam da sua sociedade de origem.

Relatos de Viagem pelo Brasil de John e Elizabeth Agassiz

Livro publicado a partir do diário de campo organizado durante a expedição Thayer (1865-66), que viajou pelo Brasil, do Rio de Janeiro ao Amazonas, passando pelo nordeste, com o objetivo de fazer um



levantamento biológico e geológico, propondo uma biogeografia brasileira, a pedido do Imperador Dom Pedro.

A expedição de característica naturalista, com fundamentação teórica anti-darwinista, estruturou-se a partir de uma episteme catastrofista, fundamentando uma crítica sobre a mestiçagem racial a qual fortalecia um campo político de parte da elite norte-americana partidária da segregação social entre negros e brancos.

Amazônia por Elizabeth Agassiz

Ao longo do Século XVII e XVIII, o imaginário ocidental sobre a Amazônia organizava-se a partir dos conceitos de exótico e de exuberância, pois as primeiras expedições de prospecção eram registradas por uma ótica pitoresca, registrando a exuberante diferença natural e os exóticos e selvagens habitantes, necessitados de educação civilizatória e cristã.

Contudo ao longo dos anos e das expedições feitas ao Brasil e por todo o processo de colonização sofrido, no século XIX, no período Imperial, em que foi realizada a Expedição de Agassiz, as populações amazônicas já haviam sido destruídas social e fisicamente; e os que restavam encontraram estratégias de convivência adaptando-se aos costumes colonializadores. No que tange ao aspecto natural a Amazônia foi palco das coletas zoológicas mais significantes para comprovação das teorias criacionistas do casal Agassiz.

O desencontro com o exótico e selvagem e o encontro com a nova organização social e os diferentes papéis ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira, promovido por uma série de fatores sócio-históricos, dentre eles a Guerra do Paraguai e as diferentes formas de divisão do trabalho por gênero.

As diferenças sociais observadas por Elizabeth Agassiz, em específico a liberdade que a mulher amazônica usufruía, no que tange as



práticas corporais cotidianas e as morais e práticas sexuais, desencadearam uma inversão da relação sujeito-objeto. Agassiz passou a repensar a sua identidade, sua função social e sua visão de mundo, construindo-se a partir do outro, remontando as suas próprias crenças e valores.

O processo de repensar-se enquanto sujeito na construção do diário de campo fez com que Elizabeth Agassiz “se compreende diante da obra” (RICOUER,1977), reposicionado seu olhar e revendo seus conceitos sobre as regras morais e as organizações sociais.

Segundo a própria Agassiz observou que “a mulher, nessa parte do Império [Amazonas], se embota no topor duma existência inteiramente vazia e sem objetivo, ou se irrita contra suas cadeias e sua infidelidade” (AGASSIZ, 1867:167), fazendo um contraponto entre a vida das mulheres que convivam na sociedade e as mulheres mestiças que precisam tomar a frente da família, da produção de renda e conseqüentemente de sua liberdade moral, incluindo no que tange aos costumes sexuais.

Mulheres na Amazônia: a condição feminina, autonomia, moralidade e civilização

Conforme já exposto, a sociedade do século XIX preconizava o controle sobre os corpos e sobre a intimidade como regra social, e expressou a condição *sine qua non* da moralidade como balizador desse projeto civilizatório nos trópicos, que sob o olhar da expedição Thayer acima dos trópicos havia uma liberdade excessiva. Como exemplo de decência, Elizabeth Agassiz descreveu o comportamento dos Mundurucu, encontrados na hoje região do município de Maués.

Ao longo do relato em Viagem ao Brasil (1867), a preocupação da cronista repousava sobre o embate entre as temáticas mestiçagem e pureza da raça, usando a Amazônia como contra exemplo cultural e racial, que deveria ser evitado pela América do Norte (KURY, p. 08), a crítica ao



modelo de colonização centrada na escravidão negra e indígena recebeu lugar de destaque na obra do casal Agassiz.

Ao encontrar uma Amazônia cuja regra moral possuía outra estrutura, na qual o casamento para geração de filhos legítimos e vestimenta não eram temas para as pequenas cidades e vilas amazônicas. As mulheres amazônidas possuíam uma liberdade impensada na sociedade norte americana, essas mulheres iam à roça e trabalhavam sozinhas, deslocar-se de canoas, sem a supervisão dos homens.

No entanto, essa liberdade não significava uma equidade entre os sexos, pois foi observada a submissão com diferentes nuances e atenuações, principalmente relativas ao comportamento sexual, o que para Louis Agassiz era uma grande confusão, pois o cruzamento de raças gerava tipos como os mamelucos, cafusos, os caboclos, que nesse caso tornava impossível destrinchar³ a fim de encontrar a raça pura e original.

Outra tolerância da sociedade amazônica era o caso de mães solteiras, que geravam seus filhos e não eram exclusas do convívio social e seus filhos tinham sua concepção explicada pelo sobrenatural, como a lenda do boto e outras.

Ao observara o comportamento feminino, percebeu-se que as mulheres se equiparavam aos homens em sua força e destreza no manuseio do remo e da rede, esta habilidade corporal em muito impressionou Elizabeth, no entanto, o conceito de beleza da cronista tinha como padrão a beleza europeia e norte-americana, ou seja, um padrões vitorianos, com traços femininos afilados, pele pálida e corpos cobertos por roupas e adereços, e a partir desse critérios ao observar as mulheres amazônicas, afirmou que a beleza física das mulheres estava em processo de grande degeneração, que ocorria devido ao incesto, que para o casal Agassiz, como cristãos, era pecado e a falta de beleza era uma consequência desse pecado.

³ Termo utilizado por Louis Agassiz no *Método da História Natural*, utilizado para destrinchar o emaranhado dos cruzamentos interracialais.



Ao observar grupos exogâmicos, perceberam que o grupo gerava humanos considerados melhores e desta forma classificaram a beleza como “mobilidade fisionômica e traços de amáveis suavidades”.

Um dos motivos que causou a mudança na organização social e do trabalho foi a Guerra do Paraguai, que causou a ausência dos homens e forçou as mulheres a assumirem novos papéis na divisão do trabalho, assumindo o provimento da casa no comércio e também nas plantações e no extrativismo animal (pesca e caça), todas essas atividades imprimiam novas formas aos corpos femininos e também ao comportamento em sociedade.

A proximidade em convivência com as mulheres amazonenses, por meio de conversas fez com que Elizabeth se apropriasse de novos elementos para analisar as mulheres locais o que fez com que atenuasse algumas pré-concepções e verdades que carregava por sua formal moral e religiosa. A partir de seu novo olhar pode perceber que se deparava com uma mulher singular, forte, responsável por seu destino e por sua própria vida, o que provocou em Elizabeth um sentimento de admiração ao afirmar nas páginas finais de sua crônica que as mulheres amazônicas vivam uma *vida invejável*.

No entanto, apesar de perceber que a mulher amazonense possui liberdade e em muitos momentos poder de decisão sobre si mesma, sua obra também denunciou a situação calamitosa em que essas mulheres se encontravam durante a guerra, pois apesar de ver a liberdade que estas mulheres usufruíam, ainda assim, estas mulheres sofriam com a falta de respeito e leis que lhes garantisse direitos específicos.

Desta forma...

Elizabeth Agassiz constitui-se como novidade e revolução em seu tempo. Foi a primeira mulher a participar de uma expedição financiada pelo



Império Brasileiro exercendo a função de cronista. Seu olhar de naturalista foi reconstruindo ao observar a sociedade e conseguir perceber as diferentes organizações sociais dentro de uma mesma nação, o Brasil.

Seu olhar especializou-se na observação de mulheres e suas funções sociais, mesmo construindo sua crônica a partir de seus conceitos e formação moral inicial, esta cronista foi capaz de transformar seu relato e sua compreensão acerca das condições sociais e da vida vivida pelas mulheres nesse país tropical.

Ao longo de Viagem pelo Brasil, Elizabeth reconstrói-se enquanto observadora e pensadora sobre a Amazônia. Esta cronista mudou ao longo do relato e sofreu essas mudanças ao ter seus conceitos confrontados com realidades sociais muito distintas da sua.

A grande contribuição de Elizabeth Agassiz está em olha e ver a mulher no Brasil no período imperial, percebendo seu papel e função na estrutura social e sua capacidade de continuar mesmo diante de uma sociedade tão adversa e hostil.

Referências

KURY, Lorelai B. *Viagem ao Brasil*. Revista brasileira de história. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a09v2141.pdf>. Acesso em em 06 de abril de 2013, as 22:45.

PINTO, Renan Freitas. *Viagem das Ideias*. 2.ed. Manaus: Valer, 2008.p. 191-194.

SANTOS, Fabiane Vinente dos. “Brincos de ouro e saias de chita”: mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/2729/1/brincosdeouro.pdf>. em 06 de abril de 2013, as 22h.

THARP, Louis Salão. *Aliança Aventureiro: A História da Família Agassiz de Boston (1959)*, disponível em <http://www.women-philosophers.com/Elizabeth-Cabot-Cary-Agassiz.html>, acesso em 06 de abril de 2013, as 22:30.

